



AÇÕES DO OBSERVATÓRIO URBANO DE SÃO JOÃO DEL REI COMO SUBSÍDIOS PARA O *LETRAMENTO URBANO*¹

(SESSÃO TEMÁTICA 14)

Daniela Abritta Cota

UFSJ | abritta@ufs.br

Tatiane Marina Pinto de Godoy

UFSJ | tatianemgodoy@ufs.br

Márcia Saeko Hirata

UFSJ | marciahirata@ufs.br

Beatriz Stefanni Santos Silva

UFSJ | beatrizsss19@aluno.ufsj.edu.br

Sessão Temática 14: Ensino, formação e prática em planejamento

Resumo: Este artigo objetiva relatar sobre a construção teórico-metodológica que vem sendo elaborada no âmbito do Observatório Urbano de São João del Rei e como tal processo pode constituir em subsídios para o que definimos como *letramento urbano*, como resposta à provocação de Maricato (2015). Segundo a autora, o “analfabetismo urbanístico” entendido como a incompreensão sobre a realidade urbana, atinge não somente os habitantes das cidades, mas também os produtores do conhecimento, reforçando que vivemos e (re)conhecemos as cidades (de forma parcial), invisibilizando e ignorando necessidades reais da maioria dos cidadãos e cidadãs que produzem a cidade. Assim, acreditamos que a aplicação de novos métodos/processos de apreensão da realidade urbana sejam fundamentais para romper padrões estruturais de opressão a que estão sujeitas as comunidades de territórios periféricos sem perder, no entanto, a referência e a relevância da consideração multiescalar de uma leitura urbana. É neste sentido que buscamos elaborar o que denominamos *letramento urbano* – uma outra forma de (re)conhecer os territórios de nossas cidades e que pode contribuir para o planejamento urbano.

Palavras-chave: construção teórico-metodológica; analfabetismo urbano; letramento urbano; direito à cidade; Observatório Urbano de São João del Rei.

ACTIONS OF THE URBAN OBSERVATORY OF SÃO JOÃO DEL REI AS SUPPORT FOR URBAN LITERACY

Abstract: *This article aims to report on the theoretical and methodological framework being developed within the scope of the Urban Observatory of São João del Rei and how this process can serve as a foundation for what we define as urban literacy, in response to Maricato's (2015) provocation. According to the author, 'urban illiteracy,' understood as the lack of understanding of urban realities, affects not only city dwellers but also knowledge producers, reinforcing that we live in and perceive cities (in a partial manner), rendering invisible and ignoring the real needs of the majority of citizens who actively shape urban spaces. Therefore, we believe that applying new methods and processes for apprehending urban realities is essential to breaking the structural patterns of oppression that peripheral communities face while maintaining the reference and importance of a multi-scalar approach to urban analysis. In this context, we seek to develop what we call urban literacy – an alternative way of (re)understanding the territories of our cities, which can contribute to urban planning.*

Keywords: *theoretical-methodological framework; urban illiteracy; urban literacy; right to the city; Urban Observatory of São João del Rei.*

ACCIONES DEL OBSERVATORIO URBANO DE SÃO JOÃO DEL REI COMO BASES PARA LA ALFABETIZACIÓN URBANA

Resumen: *Este artículo tiene como objetivo relatar la construcción teórico-metodológica que se ha estado desarrollando en el marco del Observatorio Urbano de São João del Rei y cómo este proceso puede servir como base para lo que definimos como alfabetización urbana, en respuesta a la provocación de Maricato (2015). Según la autora, el 'analfabetismo urbanístico', entendido como la falta de comprensión de la realidad urbana, afecta no solo a los habitantes de las ciudades, sino también a los productores de conocimiento. Esto refuerza la idea de que vivimos y (re)conocemos las ciudades (de manera parcial), invisibilizando e ignorando las necesidades reales de la mayoría de los ciudadanos y ciudadanas que producen la ciudad. Por ello, creemos que la aplicación de nuevos métodos y procesos para la comprensión de la realidad urbana es fundamental para romper los patrones estructurales de opresión a los que están sometidas las comunidades de territorios periféricos, sin perder, sin embargo, la referencia y la relevancia de una lectura urbana multiescalar. En este sentido, buscamos desarrollar lo que denominamos alfabetización urbana: una forma alternativa de (re)conocer los territorios de nuestras ciudades que puede contribuir al planeamiento urbano.*

Palabras clave: *construcción teórico-metodológica; analfabetismo urbano; alfabetización urbana; derecho a la ciudad; Observatorio Urbano de São João del Rei*

INTRODUÇÃO

A urbanização do território brasileiro comporta características de um processo acelerado, intenso e concentrado numa região ao longo do século XX. Esta urbanização também se caracteriza pela precariedade, própria da periferia do capitalismo, que se materializa em cidades onde a desigualdade social é manifestada de forma contundente nas diferenciações socioespaciais.

Essa constatação, contudo, não está presente na compreensão de grande parte dos habitantes das cidades. E não apenas daqueles que têm poucos anos de escolarização. O “analfabetismo urbanístico” é presente também nas classes sociais mais escolarizadas e até mesmo nos especialistas em espaço urbano, conforme alerta Maricato (2015). A expressão “analfabetismo urbanístico” é utilizada pela autora para caracterizar o desconhecimento da realidade urbana que, lida e vivida de forma alienada e despolitizada, encobre os processos políticos que produzem as desigualdades socioespaciais. Desnaturalizar a problemática urbana, compreendida apenas como problemática ambiental, requer reconhecer os agentes, os interesses, os mecanismos e os processos que conformam as segregações no espaço urbano.

Na perspectiva de promover a aproximação do conhecimento técnico científico junto do saber popular das comunidades urbanas, sobretudo daquelas que ocupam as áreas precárias das periferias, o Observatório Urbano de São João del Rei tem, desde o seu projeto inicial, buscado subsídios para formular estratégias de construção conjunta e articulada de saberes sobre a realidade urbana local.

A provocação de Maricato suscitou-nos a busca por recursos metodológicos na educação popular. Freire (2019) entende o ato de educar como sendo sempre um ato político e, por isso, exige um posicionamento crítico sobre a sociedade e suas formas de opressão. Sendo assim, concretiza-se em uma perspectiva libertária, na qual educar é conhecer; é ler o mundo para poder transformá-lo. Nessa abordagem teórico-metodológica a premissa que se impõe é a de educadores e educandos como sujeitos ativos no mundo, exigindo que a educação se dê sempre como um ato dialógico. Neste sentido, tal diálogo visa a construção do conhecimento pautado em uma concepção de ciência que se articule às necessidades populares objetivando processos de transformação social.

Carlos (2007, p. 19) reafirma uma preocupação em que, não raro, a cidade vem sendo pensada ora como quadro físico (um simples mapa aberto na prancheta), ora como meio ambiente urbano (e, nesta dimensão, “naturalizada”), e em ambos os casos, ignora-se o conteúdo da prática socioespacial que lhe dá forma e conteúdo. Constata-se, portanto, que se trata de uma crise urbana, que é uma crise prática e teórica, política e social. Sobretudo é uma crise de compreensão dos processos que produzem cidades segregadoras, desiguais e injustas. Tal incompreensão, contudo, não escapa aos especialistas do urbano. Se os cidadãos em sua vida cotidiana encontram dificuldades para ler a cidade do capital, os tecnocratas e teóricos

urbanistas tão pouco compreendem os processos políticos que determinam os lugares de cada classe social no espaço urbano.

Propõe-se com este trabalho a formulação de subsídios para a elaboração do conceito de *letramento urbano*, a partir da proposta dos letramentos múltiplos ou letramentos sociais encontrados nas referências de Street (2006) e, especificamente dos letramentos multissemióticos conforme Rojo (2009).

Partimos da compreensão que a cidade é uma agência de letramento. Por meio de suas formas pode-se inferir os conteúdos sociais, políticos, econômicos e culturais que produzem uma realidade urbana que materializa a organização da sociedade capitalista.

Atuando no bairro Senhor dos Montes, em São João del Rei, desde 2022, procuramos então construir um processo teórico-metodológico - ao qual chamamos de "Observa-Ação - partindo da construção social que envolve a troca de saberes: entre pesquisadores, estudantes e comunidade, e entre esta e a universidade, procurando identificar problemas e potencialidades locais a partir da vivência cotidiana de quem produz o espaço - no caso, o bairro ora analisado. Nessa abordagem teórico-metodológica, a premissa que se impõe é a de educadores e educandos como sujeitos ativos no mundo, o que exigirá o ato dialógico para o (re)conhecimento da realidade que ora buscamos investigar (SANTOS, et al, 2024). Neste trabalho, objetivamos relatar sobre essa construção teórico-metodológica e como tal processo pode constituir-se em subsídios para o que definimos como *letramento urbano*, como resposta à provocação de Maricato (2015).

Acreditamos que (re)conhecer a realidade urbana pela aproximação da vida cotidiana, de pessoas invisibilizadas pela produção do conhecimento hegemônico, se insere no que Paulo Freire (1987, p. 17) considera como a construção da história dos "anônimos" e, portanto, de uma leitura de mundo que se pretende libertária, algo fundamental para a transformação da realidade.

UM PROCESSO TEÓRICO-METODOLÓGICO EM CONSTRUÇÃO

Partindo do entendimento de que alfabetização e letramento são processos distintos, mas indissociáveis, conforme Kleiman (1995), reportamo-nos ao *letramento urbano* como uma habilidade de ler as formas urbanas para além do reconhecimento dos seus códigos. Com isto queremos dizer que a alfabetização urbana implicaria em nomear as formas da cidade: um edifício, por exemplo, como uma construção vertical que pode abrigar residências, atividades econômicas ou da administração pública. No processo de *letramento urbano*, estendemos a compreensão sobre a qual o letramento se trata do uso social da língua escrita e que, na perspectiva de Street (2006) há um contexto do poder e da ideologia. Assim, o edifício que, para alfabetização urbana restringe-se ao reconhecimento da sua forma como um código, por meio do letramento urbano pode-se permitir aos sujeitos ler o edifício como a representação de relações de poder econômico e político, por exemplo. Este edifício pode estar localizado

numa área onde já foi um espaço público ou onde houve um processo de reintegração de posse que desabrigou famílias sem teto. Além disso, pode omitir a visão de uma construção que reflete formas patriarcais, machistas e capitalistas omitidas da reflexão que envolve sua produção e, conseqüentemente, a produção do espaço em que se insere.

Os novos estudos do letramento têm ampliado o entendimento sobre as agências de letramento. Sendo a cidade uma agência de letramento e amparando-nos na noção de letramento multissemiótico² (Rojó, 2009, p. 107) – que amplia a noção de letramento para o campo da imagem, da música, das outras semioses que não somente a escrita – remetemos à Lefebvre (2006) e sua contribuição para a teoria das representações. Brevemente para propósito deste trabalho, Lefebvre aponta em sua teoria que a representação não necessariamente é ideologia, como afirmava Marx. Mas as representações são formas de comunicar e reelaborar o mundo, são aproximações da realidade que, no entanto, não podem substituir o mundo vivido. E quando o vivido é substituído pelo concebido, a representação se torna ideologia (idem).

Ler as formas da cidade desvendando suas representações, ultrapassando o reconhecimento dos códigos para compreender os seus signos, é a proposta do que propomos como *letramento urbano*.

A formulação desse trabalho se ampara nas ações do Observatório Urbano de São João del Rei, situado na Universidade Federal de São João del Rei e que, neste momento, constitui-se como um Núcleo Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão. Portanto, nossa metodologia se ampara na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão para compreender a realidade urbana local a partir da relação dialógica com a comunidade. Assim, dá-se pela perspectiva da pesquisa participante (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2006). Nossas interlocuções são com grupos sociais que não exatamente encontram-se no espaço escolar. Para os fins das ações de pesquisa e extensão que subsidiam a elaboração deste trabalho acompanhamos o processo de retomada de uma Associação de bairro e, dessa forma, participamos de diferentes espaços de organização coletiva como reuniões, assembleias, feiras e ações conjuntas com escolas e horta comunitária. Na construção desse percurso dialógico de reconhecimento do espaço vivido está o aprofundamento teórico e metodológico referente à educação popular, letramentos sociais e multissemióticos e direito à cidade. Constam ainda as incursões de campo com o uso de observação participante e registro das impressões como prática de descodificação ou descrição da situação, conforme Freire (2019, p. 135) ou ainda como Lefebvre (1978) retrata por descrição do visível no seu método regressivo-progressivo.

Na medida em que realizam a 'descodificação' desta 'codificação' viva, seja pela observação dos fatos, seja pela conversação informal com os habitantes da área, irão registrando em seu caderno de notas, à maneira de Wright Mills, as coisas mais aparentemente pouco importantes. A maneira de conversar dos homens; a sua forma de ser. O seu comportamento no culto religioso, no trabalho. Vão registrando as expressões do povo; sua linguagem, suas palavras,

sua sintaxe, que não é o mesmo que sua pronúncia defeituosa, mas a forma de construir seu pensamento (FREIRE, 2019, p. 145-146).

Educação popular e direito à cidade convergem para a formulação de um pensamento crítico sobre as condições de realização da vida na cidade. Partindo da ideia sustentada pelas leituras dos dois autores de que há uma discrepância entre a teoria e a prática social que não apenas demanda um novo conhecimento, como implica também um novo modo de produção desse mesmo conhecimento, o Observa-Ação se ampara numa concepção dialógica para viabilizar esse novo formato de produção de conhecimento, que pode ser um caminho para o que acreditamos ser o "*letramento urbano*".

2.1. O BAIRRO SENHOR DOS MONTES E AS METODOLOGIAS DIALÓGICAS

O bairro Senhor dos Montes, em São João del Rei, está localizado em uma encosta íngreme, na parte pericentral da cidade. Trata-se de uma área que começou a ser ocupada no século XVIII, durante a exploração do ouro baseada no trabalho escravo. Não obstante, apesar de sua ocupação já contar com três séculos de história, seu processo de urbanização foi tardio, iniciando-se somente em meados do século XX e apresentando certas carências, em termos de infraestrutura e serviços, que estigmatizam o bairro (SANTOS et al, 2024). Essa omissão histórica do Estado acabou dando lugar à ação de outros agentes, como a Igreja Católica, que vem marcando presença junto aos moradores na luta por melhorias básicas desse território.

Trata-se oficialmente de um dos oito bairros delimitados pela Lei Municipal nº 2.520 de 31 de agosto de 1989, o qual é composto por outros três bairros: Araçá, Bela Vista e São Geraldo. Metodologicamente, a equipe implicada na pesquisa se dedicou a compreender os limites do bairro Senhor dos Montes a partir das vivências de seus moradores, já que as divisões concebidas pelo Estado omitem as relações que constituem o espaço vivido (LEFEBVRE, 1999), bem como o conceito de território.

O conceito de território, como Haesbaert (2004) argumenta, revela a luta entre os agentes sociais na produção do espaço urbano. O território, portanto, é formado por relações de poder que envolvem dimensões materiais e simbólicas, afetivas e culturais (Martins e Chagas, 2021). No bairro Senhor dos Montes, essas relações se concretizam na atuação dos diferentes agentes sociais, incluindo não somente a Igreja Católica, já citada, mas também a presença do tráfico de drogas e a omissão do Estado. A comunidade, ao se apropriar cotidianamente do espaço, o transforma em um território, um lugar de disputa e resistência (Haesbaert, 2007).

Ao longo do processo de trabalho junto ao bairro foi possível constatar o que Haesbaert explica sobre território. As relações sociais e as interações políticas, culturais, econômicas, ambientais estão presentes e se entrelaçam formando um bairro heterogêneo.

Por isso, para iniciar os trabalhos foi preciso alinhar cartograficamente os limites desse território: ou seja, definir qual é o território (re)conhecido por seus moradores e suas moradoras: Qual limite espacial é possível construir segundo o qual se relaciona à noção de pertencimento ao território por seus habitantes?

2.1.1 DE QUAL SENHOR DOS MONTES ESTAMOS FALANDO?

Pensando no (re)conhecimento dialógico do bairro com e a partir da comunidade, foi preciso construir coletivamente a cartografia do território. Elaborar um limite “popular” significa também desconstruir os limites oficiais, hegemônicos que caracterizam a leitura da cidade e, por extensão o limite de atuação espacial do planejamento urbano. Significa adentrar em aspectos do cotidiano, das relações, do território simbólico, algo ocultado pelas formas de identificação dos espaços intraurbanos das cidades e, também, pelos detentores do conhecimento. Ou seja, a busca deste (re)conhecimento territorial exigiu a aplicação de dinâmicas diferenciadas que pudessem captar as visões da comunidade do bairro e desconstruir a ação dos técnicos de “cima pra baixo”.

A construção do mapa de limite popular do bairro Senhor dos Montes foi um processo de mapeamento colaborativo/ compartilhado. O processo de mapeamento e de elaboração do limite popular do Senhor dos Montes coaduna com os apontamentos de Girardi e Coelho:

O mapeamento colaborativo, na medida em que implica múltiplos autores em sua produção, tem potência de desestabilização do discurso territorial único. Este modo diferenciado de produção imagética permite às pessoas criarem outros referenciais de mapeamento e de espaço que não são aqueles normalmente encontrados nos mecanismos tradicionais. (GIRARDI e COELHO, 2021, p.1848)

O mapa de limite popular do Senhor dos Montes foi construído em um processo dinâmico com participação da comunidade e da equipe do Observatório Urbano. O processo de construção do limite se deu em três encontros. O primeiro encontro se deu no dia 27 de outubro de 2023 em uma dinâmica com os membros da Sociedade de Amigos do Bairro Senhor dos Montes. Nessa dinâmica os participantes construíram juntos um limite para o bairro de acordo com suas vivências, definindo qual seria o limite físico de atuação da Associação de moradores do bairro.

Nessa dinâmica, levamos um mapa-base do *Open Street Maps* impresso. A primeira dificuldade que apresentaram foi de “ler” o mapa, se identificar no mapa, encontrar as referências territoriais do bairro. Com a nossa colaboração para entender essa linguagem cartográfica, eles se puseram a discutir os limites e as fronteiras do bairro. Interessante notar que a casa de alguém, o barranco, as amizades sempre eram citados como marcos que ajudaram a construir o limite do território em relação aos outros bairros. Equipamentos públicos, nomes de ruas também foram referências importantes. Deve-se ressaltar que a própria prefeitura municipal desconhece o limite (re)conhecido pelos moradores e moradoras

do bairro, chegando ao ponto de colocar o CRAS Senhor dos Montes em bairro vizinho (bairro São Geraldo), algo que foi palco de muita reclamação por parte dos participantes da dinâmica.

O segundo encontro ocorreu no dia 27 de novembro de 2023 em que a comunidade foi convidada para participar de uma dinâmica similar à que ocorreu anteriormente. Entretanto, neste dia, começamos com um papel enorme em branco, solicitando que a comunidade escrevesse, no papel, referências espaciais do bairro, tendo como base o marco do Centro Comunitário (onde estávamos reunidos). Assim, eles começaram a identificar o que estava ao lado, o que estava abaixo, acima, à direita etc. Ou seja, demonstraram muito conhecimento espacial sobre o bairro, apontando marcos e lugares ainda não captados pela nossa equipe técnica em outras dinâmicas. Eles construíram uma lista de locais que eles (re)conhecem fundamentais em suas vidas cotidianas e, a partir dessas referências territoriais, foram delimitando o contorno do bairro. Posteriormente ajudamos os participantes a encontrarem o limite construído no papel no mapa – a mesma base do *Open Street Maps* utilizada antes. Assim, desenhamos o limite na linguagem cartográfica proposta.

O terceiro encontro surgiu da necessidade de se discutir com os moradores sobre os dois mapas que surgiram como produtos das duas dinâmicas. Os dois mapas, quando sobrepostos, acusavam pequenas diferenças nos dois limites. A partir da discussão com os moradores foi gerado um terceiro mapa, que, com a validação dos mesmos foi adotado como o limite popular do bairro.

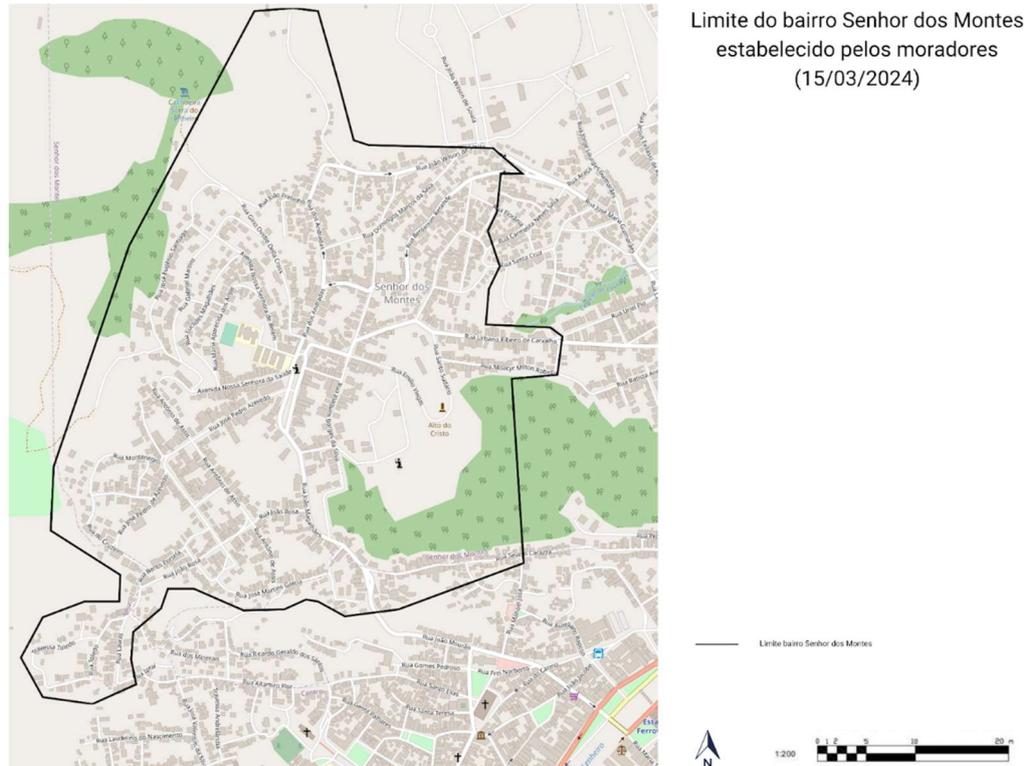
As informações colhidas e posteriormente mapeadas fazem parte do que Henri Lefebvre conceituou como parte do que é vivido e percebido pelas pessoas em seu cotidiano. Por isso, durante as dinâmicas, foi possível compreender o que as pessoas compreendem como o Senhor dos Montes. O processo de mapeamento colaborativo/compartilhado foi explicado durante todos os encontros e foi enfatizado que o mapa dizia respeito ao que a comunidade compreendia como o limite do bairro.

A equipe do Observatório Urbano de São João del Rei sempre seguiu a premissa de que o trabalho extensionista se dá a partir do diálogo com a comunidade. As dinâmicas metodológicas aplicadas foram desenvolvidas de forma a garantir a participação plena da comunidade envolvida. Antes de cada encontro os materiais eram preparados e discutidos com a colaboração de todos os integrantes da equipe – docentes e discentes. A linguagem utilizada com os moradores foi discutida previamente para que a comunicação acontecesse de forma clara e objetiva, evitando ruídos e possíveis desentendimentos. Durante os encontros a equipe teve o cuidado de não interferir nas discussões de modo a influenciar as respostas dos participantes. Perguntas para direcionar os participantes e ajudá-los a refletir sobre o assunto proposto foram elaboradas e apresentadas, somente se necessário, com intuito de guiar as dinâmicas.

A dificuldade com a linguagem cartográfica, por parte da comunidade, foi algo que nos chamou a atenção, embora soubéssemos que isso poderia ocorrer. Alguns nomes de ruas não apareciam nos mapas impressos e os moradores perceberam a falta delas. O recurso das TICs

(Tecnologias de informações cartográficas) como o *Google Maps*, pelo celular, durante a dinâmica, foi utilizado em algumas ocasiões para sanar algumas dúvidas dos participantes.

Figura 1: Mapa de limite do Senhor dos Montes.



Elaboração: Observatório Urbano de São João del Rei, 2024.

É importante ressaltar que o que denominamos *letramento urbano* atingiu especialmente a equipe do Observatório Urbano, por meio da dinâmica descrita. Acostumados com regras, linguagens técnicas e um tipo de prática acadêmico-científica, nos deparamos com o fato de que as pessoas, em sua vida cotidiana, constroem outros códigos, outras linguagens, outras referências no que se refere ao letramento do espaço, que muitas vezes nos passa despercebido. Precisamos utilizar o conhecimento científico para realmente, “virar a mesa”, inovando em procedimentos metodológicos capazes de se aproximar de uma leitura de cidade que se pretende real e libertária.

2.1.2. DINÂMICAS PARA LEVANTAMENTO DE PROBLEMAS E POTENCIALIDADES DO BAIRRO

Depois de delimitar o bairro Senhor dos Montes de acordo com a vivência da população, houve a necessidade de entender o que a comunidade compreendia como problemas e potencialidades do bairro. Assim, foi acordado com os participantes a marcação, em um mapa – já que agora estavam mais acostumados com a linguagem cartográfica – dos pontos com problemas e dos pontos com potencialidades no bairro, discutindo coletivamente cada

marcação. Foram elaborados dois mapas com o limite popular, um em imagem de satélite e outro com os vetores. Os participantes foram orientados a marcar, sem a presença da equipe do Observatório Urbano, os locais nos mapas. Logo depois os mapas foram entregues à equipe para a análise e posterior conversa sobre os pontos mapeados.

Durante a análise dos pontos mapeados pelos moradores e moradoras foi possível perceber as dificuldades deles em relação a linguagem cartográfica. Os moradores preferiram escrever sobre o mapa para apontar os locais como problemáticos e potenciais, indicando que as legendas não foram pensadas como um recurso. A equipe também teve dúvidas sobre alguns pontos e, por isso, a conversa depois da indicação no mapa foi necessária para a dinâmica.

Depois da conversa foi combinado com os moradores uma caminhada pelos pontos que julgassem mais importantes (caminhada exploratória do bairro, a partir do conhecimento dos moradores e das moradoras sobre o território). O trajeto escolhido foi traçado pelos habitantes que também guiaram a equipe pelo bairro. Durante a caminhada exploratória fomos registrando, em diários reflexivos, em mapas, por meio de fotos, anotações as percepções que a comunidade foi compartilhando com nossa equipe.

Outra dinâmica que objetivava conhecer mais sobre a percepção dos moradores sobre o bairro foi realizada com os jovens do Projeto Music Brothers – um banda de música que existe no bairro, cujo professor é voluntário no projeto. A dinâmica se deu com uma visita prévia ao ensaio da banda para conhecer a dinâmica do grupo e marcar a data mais favorável para a realização da dinâmica do Observa-Ação. Nossa atividade se deu no dia 19 de junho de 2024 com a participação de alguns membros da equipe do Observatório Urbano, e contou com 34 membros da banda. Nessa dinâmica, dois mapas com o limite popular do bairro foram levados. Neles foram inseridos alguns pontos referenciais com fotos dos lugares principais do bairro, para facilitar a localização dos participantes. Os jovens deveriam colar nos mapas adesivos verdes (lugares que gostam e/ou se sentem seguros) e vermelhos (lugares que não gostam / se sentem inseguros) e escrever em um cartão o motivo de suas escolhas. Os jovens puderam se dividir de acordo com a própria vontade, sem a intervenção da equipe, em dois grupos.

Pela dinâmica foi possível perceber que os jovens vivenciam o território de forma diferente conforme sua faixa etária. Os menores de dez anos apontaram opiniões sobre lugares que frequentam acompanhados dos pais e sobre suas casas. Os adolescentes de 10 a 15 anos apontaram opiniões sobre suas ruas e alguns espaços que frequentam acompanhados de amigos mais velhos. Os jovens maiores de 15 anos apresentaram opiniões mais elaboradas sobre espaços distintos, já que conseguem circular sozinhos e desempenhar mais atividades fora de casa, fora do bairro, ampliando seu cotidiano pela cidade.

Nas duas dinâmicas foi perceptível opiniões negativas compartilhadas sobre espaços como a praça do monumento Cristo devido aos problemas como falta de iluminação e a insegurança de um lugar esvaziado. A ambiguidade dos espaços também foi percebida. O Ribeirão (córrego Francisco Xavier) é frequentemente apontado como um lugar positivo, apesar do problema

com o esgoto, que é derramado em alguns trechos. A preocupação com o meio ambiente é perceptível na comunidade que se ergueu por sobre a Serra do Lenheiro e que acompanha o dia a dia dos problemas advindos da má qualidade do saneamento básico do município. Nota-se que existe um empenho de parte da comunidade em cuidar dos córregos e nascentes locais. Há também o desprezo pela mesma questão por parte de alguns moradores, evidenciando a complexidade das questões locais.

A falta de espaços para realização de atividades de lazer voltadas para o público infantil e juvenil foi citada como uma preocupação em todas as dinâmicas aplicadas.

Tais dinâmicas subsidiaram a construção compartilhada de um *Plano de Ações* para o bairro, algo que não será tratado no âmbito deste trabalho.

Ressalta-se que, enquanto um trabalho dialógico, todo o processo do Observa-Ação foi enriquecedor não somente para a comunidade, mas também para a equipe de docentes e discentes do Observatório Urbano de São João del Rei. A troca de saberes entre comunidade e universidade é fundamental para a compreensão da realidade urbana vivenciada pelas comunidades e, também, para desconstruirmos pré-conceitos em relação a vários territórios periféricos da cidade.

APONTAMENTOS FINAIS: AS AÇÕES DO OBSERVATÓRIO COMO SUBSÍDIOS PARA O LETRAMENTO URBANO

Segundo Street (2014) são as tensões entre autoridade e poder e entre resistência e criatividade que permitem a emergência de práticas sociais letradas. Nesta perspectiva, conceituamos, previamente, *letramento urbano* como um processo de compreensão crítica das questões que conformam cidades desiguais, onde as problemáticas urbanas se manifestam em diferentes aspectos dos conflitos e das precariedades. Essa compressão sustentada na dimensão histórica, social, política, cultural e espacial, permite decodificar as representações que carregam ideologias de crescimento, da individualização e da negação da história. Permite uma nova imaginação. A de um espaço-tempo que se encaminha para o “direito à cidade”.

Para essa nova imaginação e para caminharmos no sentido do “direito à cidade”, precisamos também de novos métodos, novas epistemologias, enfim, (re)adaptar a produção do conhecimento sobre a cidade.

Afirmamos nosso entendimento sobre o direito à cidade a partir da elaboração de Lefebvre:

Entre estes direitos, recordemos: o direito à cidade (o direito a não ser afastado da sociedade e da civilização, num espaço produzido com vista a essa discriminação) – e o direito à diferença (o direito a não ser classificado à força em categorias determinadas por potências homogeneizantes [...]) (LEFEBVRE, 1973, p. 38).

O espaço é uma esfera de análise que manifesta a crise humana concretamente ao olhar, desde que se tenha capacidade para enxergar além da paisagem, sobretudo, desde que se tenha condições que permitam ver e analisar o conteúdo das formas que se expressam materialmente. Metodologicamente é preciso descrever o que se vê. Mas é preciso ir além da descrição. É preciso que se ultrapasse a esfera do visível e que se construa uma interpretação que desvende os conteúdos, as contradições, os interesses e as ideologias contidas na paisagem social. Assim, o *letramento urbano* tem exigido da equipe do Observatório Urbano de São João del Rei aprimorar formas de ler a cidade, desvendando suas representações pela prática social, ultrapassando o reconhecimento de códigos para compreender o território simbólico, o espaço vivido.

Como este é um trabalho e um processo em construção acreditamos que, para formular uma metodologia que promova o *letramento urbano*, é fundamental:

- compreender os letramentos entre os sujeitos envolvidos (tanto de participantes da comunidade quanto dos integrantes da universidade);
- compartilhar o vivido entre os grupos envolvidos (comunidade e universidade);
- lançar um olhar etnográfico sobre às práticas;
- elaborar um diário reflexivo sobre as práticas;
- promover projetos adequados à realidade urbana das comunidades.

Acreditamos que a cidade é mais que o espaço da produção; ela também educa e, portanto, permite um processo de *letramento urbano*, por meio do (re)conhecimento dos territórios como “espaço-processo, um espaço socialmente construído” (Haesbaert, 2014, p. 58), carregado de histórias invisibilizadas e de possibilidades – algo que estamos tentando construir para o caso do bairro Senhor dos Montes e que pode subsidiar outras práticas no campo do ensino e da prática de planejamento urbano. É sabido, entretanto, com Street (2014), que práticas sociais letradas são feitas de tensões, conflitos e – por que não dizer – desafios. Assim, se, por um lado, isso é importante para a efetivação do espaço diferencial, descrito por Lefebvre, é também um ‘caminho’, uma alternativa à produção hegemônica do espaço, a partir do (re)conhecimento da realidade concreta de como as pessoas vivem e transformam os locais, cotidianamente, pela e para a reprodução da vida.

REFERÊNCIAS

- CARLOS, A. F. A. **O Espaço Urbano**: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: FFLCH, 2007.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 71 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIRARDI, G. e COELHO, P.S.L. Mapeamento Colaborativo com uso de tecnologias de informação e comunicação acessíveis: elementos para releituras e atualizações do “Leitor crítico de mapas” e “mapeador consciente”. **Ciência Geográfica**. Bauru, XXV - Vol. XXV - (5): Janeiro/Dezembro – 2021.

HAESBAERT, Rogério. Des-caminhos e perspectivas do território. In: RIBAS A. D.; SPOSITO, E.S.; SAQUET, M.A. **Território e desenvolvimento**: diferentes abordagens. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004, p. 87-119.

_____. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, M.; BECKER, B. K. (Orgs). **Território, territórios**: ensaios sobre o ordenamento territorial. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007b, p. 43-71.

_____. **Viver no limite**: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. **A reprodução das relações de produção**. Tradução de Antonio Ribeiro e M.Amaral. Porto: Publicações Escorpião, 1973. (Cadernos O Homem e a Sociedade).

_____. Perspectivas de la sociologia rural. In: –. **De lo rural a lo urbano**. 4. ed. Barcelona: Península, 1978.

_____. **A revolução urbana. Belo Horizonte**: Editora UFMG. 1999.

_____. **La presencia y la ausencia**. Contribución a la teoria de las representaciones. México: FCE, 2006.

MARICATO, Ermínia. **Para entender a crise urbana**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MARTINS, Mateus Pires; CHAGAS, Priscilla Borgonhoni. Território, territorialização e territorialidade: proposta de avanço de chaves teóricas para a análise da(s) dinâmica(s) das cidades. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**. G&DR. V. 17, N. 2, P. 314-325, mai-ago/2021. Taubaté, SP, Brasil.

OLIVEIRA, R. D de; OLIVEIRA, M. D. de. Pesquisa social e ação educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la. In: BRANDÃO, C. R. (Org.) **Pesquisa Participante**. 8a ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DEL REI. **Lei Municipal nº 2.520 de 31 de agosto de 1989**. Estabelece o perímetro urbano da cidade de São João del Rei e dá outras providências. São João del Rei, 1989.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTOS, B. L.; COTA, Daniela Abritta; HIRATA, M. S.; GODOY, T. M. P.. Quando Henri Lefebvre e Paulo Freire se encontram: a construção do (re)conhecimento dialógico sobre o urbano nos trabalhos do Observatório Urbano de São João del Rei, MG In: **Teorias e Práticas Urbanas: caminhos**, ed.1a. Belo Horizonte: Cosmópolis, 2024, v.1, p. 210 - 231.

STREET, B. V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

STREET, B.; BAGNO, M. **Perspectivas interculturais sobre o letramento**. Filologia e Linguística Portuguesa. São Paulo, n. 8, p. 465-488, 2006.

¹ Trabalho realizado no âmbito do projeto "Observação: (re)conhecimento e direito à cidade" contemplado pelo Edital Chamada CNPq/MCTI/FNDCT n. 18/2021 – Faixa A – Grupos Emergentes (Processo 405742/2021-5).

² A autora considera que o mundo contemporâneo é caracterizado pela multiplicidade cultural que se expressa e se comunica por meio de textos multissemióticos (impressos ou digitais), ou seja, textos que se constituem por meio de uma multiplicidade de linguagens (fotos, vídeos e gráficos, linguagem verbal oral ou escrita, sonoridades) que fazem significar estes textos. Essa multimodalidade, multissemiose ou multiplicidade de linguagens exige multiletramentos, quer dizer, exige, nos dizeres de Rojo, "capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar". Em outras palavras: exige novas práticas e habilidades; exige novos e múltiplos letramentos.